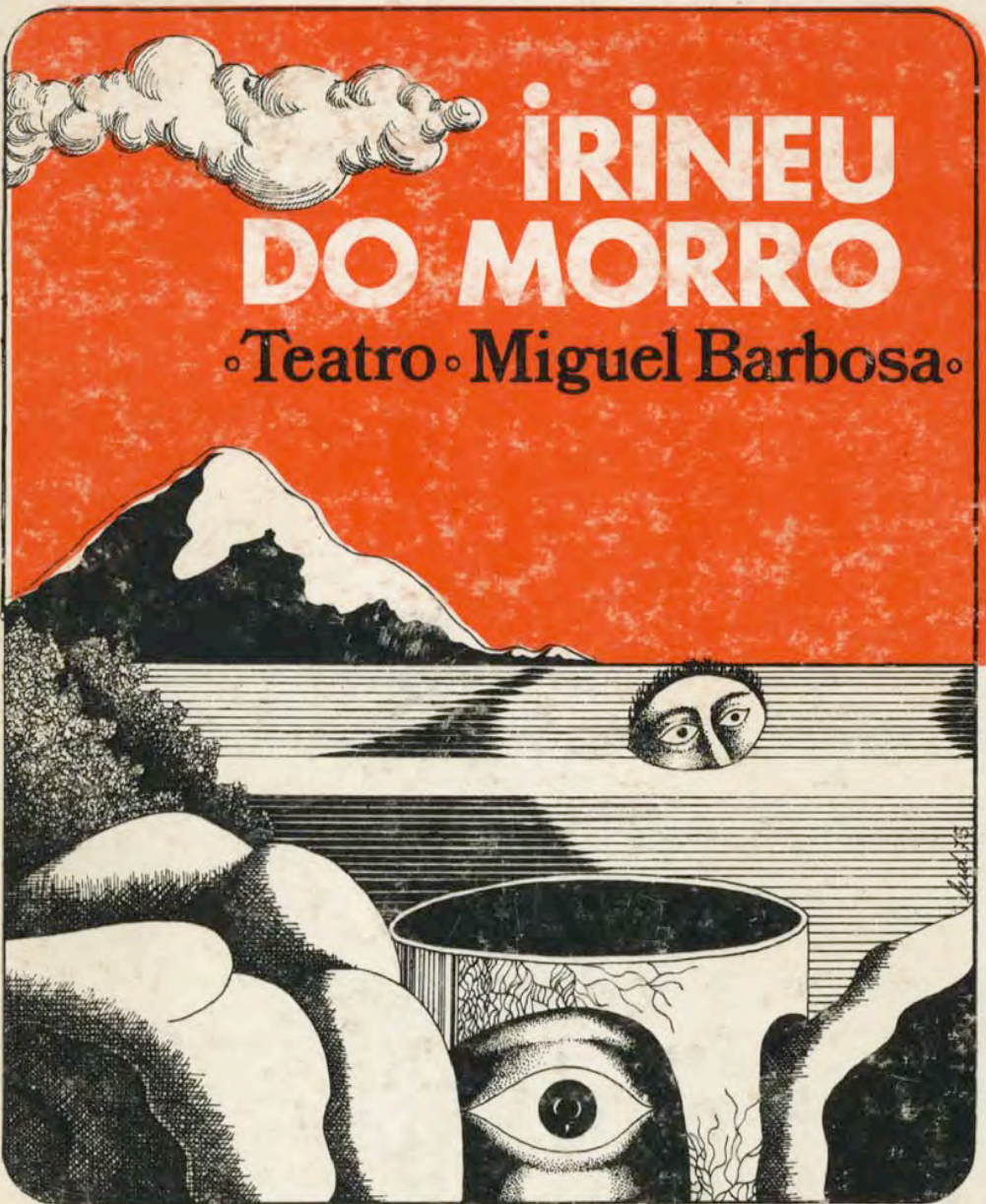




Miguel Barbosa

IRINEU DO MORRO

Volume 1617



Editora Contravento

Lisboa

A Imaginação e a Crítica Social em Miguel Barbosa

Acabo de tomar contacto com um escritor que me perturbou. Gostaria de saber definir essa perturbação.

O escritor, a que me refiro, é Miguel Barbosa, e fui levada a entabular conversa com a sua obra pelo facto de o seu teatro ter sido ultimamente objecto entre nós, de um interesse justíssimo, teatro quase completamente ignorado aqui, durante todo o período que passou, apesar de representado em Espanha e no Brasil, com um primeiro prémio no Festival de Penápolis, atribuído à peça o *Palheiro*, sendo entretanto no nosso país, conhecido apenas através de o *Piquenique*, creio que representado no Vasco Santana, no Teatro Experimental de Cascais e na Covilhã.

E assim cheguei ao seu romance. Foi realmente de pasmo a impressão que me ficou da leitura das suas duas obras, *Irineu do Morro* e *Mulher Macumba*, este último contendo duas novelas, a primeira das quais deu título ao livro, sendo a segunda *Um Exercício de Emigração* — tema o Velho, uma secretária, a galinha e o diabo.

Ambos os livros são explosões de imaginação apresentando um mundo que balouça entre o fantástico e o real, onde se sente uma permanente crítica ética e social através da visão objectiva passada pelo filtro mágico do subjectivo.

Este filtro mágico não quer dizer, de modo nenhum, que o autor não nos dá uma representação visual do mundo. Pelo contrário, é apresentada visualmente a louca sucessão de imagens em que o homem, autor, funciona como o comutador que transforma a visão em palavras, transformação em que tem forçosamente de estar presente, como o manípulo da máquina que implicitamente nos propõe uma nova face da sociedade.

Nenhum dos seus romances, nenhum romance, consegue ser uma grande chapa cinematográfica formada por infinidades de pequenas chapas secundárias amontoadas arbitrariamente. Porque o objecto terá de ser dado através do cérebro, subjecto sempre e portanto com um poder adivinhatório, onde podemos ler a significação. Entre o abismo da significação e o da visão, sempre a corda bamba da inteligência que, ao procurar captar o assombro por meio da forma, opera o processo da comunicação entre o autor e o leitor, entre o autor e o tempo, neste caso poderei dizer um futuro onde se projecta o anseio-crítica.

É partindo da língua estruturada que se chega ao comunicado. O comunicado de Miguel Barbosa é enfeitiçante, pulsação quase orgânica da realidade surreal, muito mais que pulsação surreal da realidade orgânica, uma vez que ele não parte do artifício verbal sendo a sua prosa mais reacção vital do que jogo estético.

Em *Irineu do Morro* principalmente, essa comunicação é-nos transmitida com um forte poder crítico, de um modo mais recreativo do que doloroso, extraordinária libertação de humor,

SOBRE MIGUEL BARBOSA E O SEU TEATRO

BIOGRAFIA

Miguel Barbosa nasceu em Lisboa em 1925. Licenciado em Ciências Económicas e Financeiras.

1955 — *Retalhos da Vida*, contos e novelas, edição do autor.

1962 — *Manta de Trapos*, contos e novelas, edição da Soc. de Expansão Cultural. Participa em escavações arqueológicas na jutlândia. A R.T.P. apresenta as peças *Uma Semana* em Madrid, *Muro Alto* e *O Segredo do Springfields*, em encenação de Artur Ramos e Pedro Martins.

1963 — *O Palheiro* — peça em 2 actos, colecção Best-Sellers. A R.T.P. apresenta a peça *Xeque-Mate* em encenação de Pedro Martins.

1964 — *Os Carnívoros e Piquenique* (3 actos e 1 acto respectivamente), edição Início.

1967 — *O Insecticida*, *Flor na Morávia* e *Muro Alto* (peças em 1, 2 e 3 actos), edição Início — *Piquenique* é representado por grupos universitários em Lisboa (teatro Vasco Santana) Viseu e Covilhã com encenações de Jorge Listopad, Carmen Gonzalez e Mário Pinho.

1968 — *Crónicas do Tempo do Cavaleiro Charles e de seu Fiel Escudeiro* *Pompidouze*, crónicas romaneadas. Edição Galeria Panorama. *O Piquenique* é representado em Cascais (Teatro Gil Vicente), por um grupo universitário encenado por Mário Pinho.

1969 — *O Paraíso Reencontrado ou a Mulher que Pariu a França* (2 actos), edição Galeria Panorama.

1970 — *Piquenique* é representado no Teatro da Trindade por um grupo de amadores do C.T.T., com encenação de Maria Schultz. A R.T.P. apresenta *Prendam o Pasquali* e *O Homem que Veio da Venezuella* peças escritas em colaboração com Miguel Orrico e encenadas por Luis Andrade e Herlander Peyroteu.

1972 — Com *O Palheiro*, encenação de Fernando Muralha, o Teatro Universitário Luiz de Queiroz, da Faculdade de Agronomia de Piracicaba, Brasil, obtém o 1. prémio do Festival de Teatro Maria Tereza Alves Viana, nas comemorações da fundação da cidade de Penápolis. A mesma peça é representada em diversas cidades do Estado de S. Paulo.

1973 — *O Palheiro* (Os Profetas da Palha, na versão brasileira) é apresentado pelo grupo Euclides da Cunha em S. José do Rio Pardo com encenação de Fernando Muralha. O mesmo grupo representa a peça em Ribeirão Preto, França, Analândia, etc. Publica o romance *Irineu do Morro ou as Contradições Reflexões de Um Pedaco de Lama*, edição Nórdica, Rio de Janeiro e o volume de contos e novelas *Mulher Macumba*, edição Futura. O grupo do S.E.S.C. apresenta *O Piquenique* no Teatro Anchieta em S. Paulo.

O Palheiro (na versão espanhola, *Los Profetas de la Paja*) é publicado por la Mano en el Cajón" de Barcelona, em tradução de José Luis Cerrato.

1974 — Reedição de *Os Carnívoros*, *O Palheiro* e *o Tecni-Homem*, pela editorial Futura e num só volume. *O Piquenique* é representado por um grupo universitário de Alcazar de S. Juan nesta cidade, em Ciudad Real e em Madrid. A encenação é de José Luis Cerrato. O Talher de Teatro de Barcelona com encenação de António Joven e António Puigrós estreia "*O Palheiro*" com o nome de *Los Profetas de la Paja* na sala Villaroel em Barcelona. Essa estreia é considerada por Julio Manegat no jornal Noticiero Universal de 26 de Dezembro como um dos acontecimentos do ano. O autor expõe algumas pinturas na sala Villaroel e em centros como Centro Social Florida, Trinidad Nueva, Sabadell, Anteneo Colón, etc. durante as apresentações da peça.

1975 — "*Os Carnívoros*" são apresentados pelo grupo da Tabaqueira e encenado por Jacinto Ramos. O autor é incluído no *The world who's who of Authors de 1975* edição da Universidade de Cambridge, Inglaterra e no *Ditionary of International Biography de 1975*. É convidado a participar de 13 a 18 de Julho numa convenção em Nova-York sobre a arte nos anos 60, que engloba os temas de Teatro, Cinema e Literatura. A convenção tem o apoio da O.N.U. e do Foreign Bureau e é patrocinado pelo *International Biographical Centre de Inglaterra*. Será editado um livro sobre a convenção, a biografia dos seus participantes e as suas conclusões.

O T.N.T. — Teatro do Nosso Tempo — ensaia a peça *O Insecticida*, agora em 3 actos, dirigida por Jacinto Ramos, para a estreia do novo Teatro — T.N.T. — em Lisboa.